MASCULINIDADES PERFORMADAS: INQUÉRITO COM A COMUNIDADE URSINA DE SÃO PAULO[1]

Alexandre Rodolfo Alves de Almeida[2]
Maria Manuel Baptista[3]

RESUMO
Nesta investigação apresentamos os resultados preliminares da análise quantitativa de um inquérito conduzido junto de utilizadores da aplicação para *smartphones Growlr*, em São Paulo, Brasil (n=171). A aplicação *Growlr* consiste numa Rede Social Baseada na Localização dos utilizadores e é direcionada a sujeitos autoidentificados como Ursos. A aplicação permite aos utilizadores estabelecer contato com outros indivíduos geograficamente próximos. Os Ursos são um subgrupo que compartilha entre si características que se contrapõem ao que seria considerado "esperado" em homens gays: atitude "masculina", pouca ou nenhuma vaidade, corpo grande e/ou gordo, muitos pelos corporais e faciais. O objetivo deste estudo consiste em identificar o nível de aceitação de identidades não-padrão apresentado por estes sujeitos e simultaneamente verificar o quanto a imagem do Urso "padrão" se encontra cristalizada as auto e hetero representações deste grupo. Os resultados apontam para o facto de a idade ter um forte papel no nível de aceitação de identidades não-padrão entre os sujeitos Ursos, uma vez que os sujeitos mais jovens respondem de maneira menos cisheteronormativa quando comparados com os mais velhos. A idade também faz diferir o nível de cristalização da imagem ursina padrão: os sujeitos mais velhos apresentam maior propensão para limitarem o que entendem por identidade ursina.

PALAVRAS-CHAVE:
Estudos Culturais; Identidade Ursina; Homossexualidade; Estudos Queer.

Introdução

Neste trabalho apresentamos resultados preliminares do inquérito realizado por meio da aplicação *Growlr* junto de um grupo de utilizadores na cidade de São Paulo, Brasil. O objetivo é avaliar o quanto a comunidade ursina de São Paulo se mostrava receptiva a identidades não-padrão e o quanto uma possível imagem do Urso padrão estava cristalizada no imaginário local.

Este inquérito apresenta uma vertente quantitativa da investigação atualmente em desenvolvimento pelo primeiro autor no âmbito do Programa Doutoral em Estudos Culturais da Universidade de Aveiro, em Portugal, sob supervisão da Professora Doutora Maria Manuel Baptista. A investigação levada a cabo nesta investigação de doutoramento busca entender os processos de subjetivação de sujeitos autoidentificados como Ursos nas cidades de Lisboa, em Portugal, e São Paulo, no Brasil. A investigação tem um desenho metodológico que articula metodologias quantitativas e qualitativas.

[1] Trabalho apresentado durante o VII Congresso Internacional em Estudos Culturais: Performatividades de Género na Democracia Ameaçada.
[2] Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC/UA) e Doutorando em Estudos Culturais, Universidade de Aveiro. E-mail: araalmeida@ua.pt.
[3] Membro do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC/UA) e Professora Catedrática da Universidade de Aveiro. E-mail: mbaptista@ua.pt.

Neste trabalho apresentamos um recorte da referida investigação. Começaremos por definir quais as origens da comunidade ursina e qual a sua identidade mais disseminada, encetando uma discussão sobre a vivência gay e gorda, que cruza muitos dos discursos destes sujeitos. Na secção seguinte discutimos as masculinidades e como elas surgem no contexto da comunidade ursina e gay/bissexual em geral. Concluímos a primeira parte deste trabalho apresentando as Redes Sociais Baseadas em Localização e a aplicação *Growlr*, voltada para o público Urso.

No item da metodologia apresentamos os passos para a construção de nossa ferramenta de análise, o inquérito, desde a escolha de questões, à elaboração do teste, até à divulgação junto dos sujeitos por meio da aplicação *Growlr*.

A apresentação e análise dos dados que recolhemos a partir dos resultados do inquérito consiste, num primeiro momento, na caracterização dos sujeitos, depois numa apresentação sintética dos dados e finalmente numa análise que considera apenas a variável independente da idade dos sujeitos.

Na parte final deste trabalho concluímos que a idade tem um papel preponderante no grau de aceitação de identidades não-padrão entre os sujeitos. Com efeito, entre os sujeitos que responderam ao nosso inquérito, a cisheteronormatividade encontra-se mais saliente na faixa etária dos 45-54 anos.

Revisitando pegadas

A primeira publicação que descreve o que conhecemos como a comunidade gay de Ursos é de 1979, presente no texto "Who's Who in the Zoo: A Glossary of Gay Animals" [Quem é Quem no Zoológico: Um Glossário de Animais Gays], escrito por George Mazzei na revista direcionada ao público gay estadunidense *The Advocate*, em 26 de julho de 1979 (Wright, 2013). Mas as pegadas em direção a um início de reflexão sobre esta comunidade podem ser seguidas até alguns anos antes. Em 1976, nos EUA, um rede nacional de *chubbies*, homem gordos, e *chasers*, homens que se sentem atraídos pelos primeiros, surgiu com o nome *Girth and Mirth*, uma referência ao tamanho das cinturas e à alegada "felicidade" dos membros (Hennen, 2005).

No livro *Fat Gay Men*, Whitesel (2014) reconstitui a história dos grupos *Girth and Mirth* como espaço de empoderamento dos corpos gordos: "Os membros se reúnem para criar uma zona de conforto cultural, cercada por pessoas com atributos físicos semelhantes (tanto em ambientes públicos quanto privados)" (Whitesel, 2014, p. 15). O autor conta ainda que os membros desses clubes tinham consciência de que não recebiam validação da própria comunidade gay, e por causa dessa ausência, acabaram por construir uma comunidade à sua semelhança como pessoas estigmatizadas (Whitesel, 2014).

A mistura entre os grupos de Ursos e de *Girth and Mirth* acontece em algum momento no início dos anos 1990, quando os segundos começam a integrar-se em eventos conhecidos como *Bear Hugs*. É a partir daí que há uma notável mudança na forma como os Ursos se passam a classificar. Características como ter pelos faciais ou corporais, até aí definidoras dos Ursos, passam a ter uma ênfase igual, se não menor, que o peso corporal (Suresha, 2013).

De maneira simultânea, os Ursos representam também uma ligação de continuidade histórica com os grupos de homem gays da classe trabalhadora de Nova York, que se identi-

ficavam como “masculinos” e adotavam a alcunha de “lobos” (Wright, 2013). Já nesta altura, os próprios conceitos de ser masculino e homossexual eram vistos por muitos como mutuamente excludentes (Ridinger, 2013).

Para além da pseudoproteção contra a “efeminação” e a erotização do corpo pesado, outro fator contribuiu para a emergência do fenômeno Urso nos anos 1980: a epidemia da SIDA (Hennen, 2008; Suresha, 2013; Wright, 2013).

Suresha (2013) afirma que nos anos 1980 o visual “magro” saiu de moda entre os homossexuais. Qualquer perda de peso era motivo de medo e uma razão para a busca de atendimento médico. Essa espécie de “magro-fobia” acabou por ser traduzida nas representações dos homens gays como significando que “não era saudável ter peso médio” (Suresha, 2013, p. 47).

Ser gay/Ser gordo

Ao falarmos de movimentos minoritários, é possível sempre identificar uma busca de quebra das estruturas dominantes e hegemônicas. Um questionamento aos sentidos estabelecidos, um desafio às identidades cristalizadas (Lima, 2004). E os Ursos desafiam essas estruturas duplamente: primeiro por serem homem que se relacionam com outros homens, segundo por terem um corpo fora do padrão aceitável socialmente.

Toda a cultura gay pode ser vista como minoritária. Ela desafia e questiona as noções estabelecidas de normalidade. Para Lima (2004), a experiência ursina mostra-se ainda mais interessante, pois “reproblematiza o problematizado” pela cultura gay.

É por meio da integração nessa comunidade que se torna possível que corpos abjetos como os gordos, velhos, negros ou asiáticos, se reposicionem tendo em vista a possibilidade de superar dificuldades ou julgamentos negativos e despertar desejo:

> Pessoas gordas estão fora dos parâmetros dos objetos sexuais ideais de duas formas principais: como seres dessexualizados ou como seres deteriorados. Portanto, homens grandes fazendo sexo se qualificariam como transgressores para outras pessoas, e assumir-se como alguém tanto gordo como gay realmente representa um ato de coragem (Whitesel, 2014, p. 21).

O corpo gordo não se constitui apenas pelo excesso de peso corporal, mas também pelo peso social associado a ele. Trata-se de indivíduos que vivenciam diariamente o estigma e a desvalorização social, os quais não podem ser tratados apenas como avaliações negativas não solicitadas, já que as consequências refletem-se no campo da saúde psicológica e do bem-estar (Cardoso & Costa, 2013). Com efeito, há relatos da dificuldade que pessoas “com excesso de peso” têm em conseguir que médicos e profissionais da área médica prestem atenção a algo que não seja a sua gordura. Não admira pois que a classificação dos pacientes em “gordo” versus “normal” gere vergonha cotidiana (Whitesel, 2014).

As investigadoras Rebecca Puhl e Chelsea Heuer (2009) publicaram uma revisão sistemática de estudos produzidos entre janeiro de 2000 e maio de 2008 que versavam sobre populações gordas adultas dos Estados Unidos da América. Os dados apontaram para um crescimento de 66% na discriminação contra pessoas gordas na primeira década dos anos 2000. Já é possível, segundo as autoras, comparar estes índices aos da discriminação racial, bem como afirmar que as mulheres são as principais vítimas. Corroborando o que diz Whi-

tesel (2014), a investigação mostrou ainda que há fortes evidências de que até mesmo profissionais de saúde endossam estereótipos e atitudes negativas contra pacientes obesos.

Culturalmente as pessoas gordas continuam a ser vistas apenas como engraçadas, mas nunca como objetos do desejo. Enquanto o corpo musculoso é visto como sinal de poder e masculinidade, o indivíduo gordo é considerado ridículo, assexuado e com falta de autodisciplina e amor próprio (Brown, 2014).

(Homo)masculinidades

Homens que fazem parte da própria comunidade ursina idealizam-se como sujeitos "masculinos", numa compreensão de masculinidade que limita a potência da vivência. Na maioria das sociedades ocidentais a atitude "masculina", reservada aos homens cisgênero, é associada à força física, coragem, competitividade e inabilidade emocional. Já para as mulheres cisgênero sobram as características "femininas" de delicadeza, preocupação com os outros, submissão e passividade (Huerta, 2019).

Em seu trabalho com comunidades ursinas no México, o investigador Alejandro Ávila Huerta (2019) encontrou um tipo de masculinidade que não passa necessariamente por esse estreito pensamento sobre o que é masculino. No contexto mexicano, há espaço para vivências também femininas. Mas mesmo entre aqueles sujeitos é reconhecido que o discurso contra pessoas que performam feminilidade também está presente.

Já ao analisar textos presentes nos perfis no Rio de Janeiro de utilizadores do *Grindr*, uma aplicação voltada ao público homo e bissexual, os investigadores Renata Rezende e Diego Cotta (2015) percebem nos utilizadores discursos misóginos e homofóbicos:

> O macho hiperbólico, valorizado socialmente, se vigora como um potente e poderoso ator hegemônico, que atropela outras formas às quais resistam a dominação respaldada pela heteronormatividade e o machismo. Se antigamente os homens não eram vistos como "homens de verdade" por serem gays, hoje eles também exibem e veneram suas "machezas" nos aplicativos, perpetuando ódio, intolerância e, muitas vezes, a violência, a partir de corpos erotizados e discursos homofóbicos (Rezende & Cotta, 2015, p. 363).

Esses discursos e atitudes também são registrados no trabalho de Charlie Sarson (2020), que identifica uma espécie de "homomasculinidade" entre os sujeitos gays, os quais acabam por emular processos de masculinidade hegemónicos: neste caso, é promovida a incorporação de uma performatividade de gênero estereotipicamente masculina, à qual se confere um maior valor cultural (Sarson, 2020).

As LBSN e o *Growlr*

A internet atravessa hoje todos os ambientes e não constitui propriamente uma novidade. Um dos principais meios de acesso são os telemóveis inteligentes, ou *smartphones*, que já fazem parte do dia-a-dia de grande parte da população mundial.

Com o aumento da possibilidade de processamento de dados, outra característica presente nos *smartphones* é a capacidade de inferir a localização do equipamento, e, por con-

seguinte, de seu proprietário, por meio do receptor GPS (*Global Positioning System,* Sistema de Posicionamento Global, em tradução livre). As Redes Sociais Baseadas em Localização, ou *Location Based Social Networks* (LBSN), surgem justamente da apropriação dessas duas capacidades dos dispositivos móveis: o alto poder de processamento e a possibilidade de identificação da localização geográfica dos utilizadores (Farman, 2012). As LBSN são redes sociais com forte relação com a localização física do utilizador. Os contatos são feitos, prioritariamente, com outros indivíduos geograficamente próximos.

O *Growlr* é uma LBSN direcionada ao público Urso. Pode ser acedido por qualquer pessoa com acesso a um *smartphone*, de forma gratuita ou através de uma assinatura mensal, em troca de vantagens dentro da aplicação. O objetivo principal declarado pela ferramenta é viabilizar encontros 'reais' entre homens que estão próximos geograficamente.

Como toda aplicação deste género, com o tempo, os usos dados ao *Growlr* foram expandidos (Blackwell, Birnholtz, & Abbott, 2014). Agora essas aplicações também são usadas para fins não-sexuais, em parte por causa de alguns usuários que consideram esses aplicativos de 'busca de sexo' desagradáveis, mas também porque a base de utilizadores foi fortemente ampliada, multiplicando e diversificando as formas de interação entre os sujeitos.

O *Growlr* não está sozinho na categoria de rede social locativa direcionada aos homens que fazem sexo com homens. *Grindr*, *Scruff* e *Hornet* são outros exemplos de aplicativos de mesma proposta, cada um com suas especificidades, mas com um funcionamento basicamente igual: uma ementa interminável de pessoas e possibilidades (Gibbs & Rice, 2016).

Metodologia

A investigação aqui apresentada é de cariz quantitativo e analisa os dados gerados a partir de um inquérito online, divulgado por meio da aplicação *Growlr,* junto de sujeitos que estavam na cidade de São Paulo, no Brasil, durante o estudo. As respostas foram recebidas entre os dias 03 e 10 de dezembro de 2019.

O primeiro passo tomado foi a construção do inquérito. O documento era formado por 37 itens divididos da seguinte forma: (a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); (b) 10 itens com as variáveis independentes e; (c) 26 afirmações nas quais os participantes deveriam indicar seu grau de concordância.

O TCLE continha informações sobre a investigação e seus responsáveis; ao final do documento era apresentada uma pergunta filtro que questiona a intenção de participar ou não da investigação. Apenas em caso positivo as perguntas seguintes eram exibidas.

As variáveis independentes tinham como objetivo permitir a caracterização dos sujeitos. Perguntamos o género; orientação sexual; cidade onde viveu a maior parte da vida; cidade onde vive atualmente; autoidentificação ursina e que aplicações e sites usam para encontrar parceiros(as). Nessas perguntas eram apresentadas uma lista de opções. Entretanto, adicionamos também o campo 'outras' que, ao ser escolhido, permitia a adição de texto. Usando opções fechadas dispostas em várias faixas, também perguntámos com quantas pessoas que conheceu nas aplicações se encontrou pessoalmente; a idade, o peso e altura. As três últimas perguntas eram abertas.

Na última parte do inquérito eram apresentadas as afirmações que compõem nossas variáveis dependentes. Usamos uma escala tipo Likert (Boone & Boone, 2012; Likert, 1932)

com 6 níveis de concordância (Tabela 1). Optámos por um número par de opções para tentar minimizar o risco do viés de tendência central (Douven, 2018; Matell & Jacoby, 1971).

Tabela 1
Divisão do Escala de Concordância

Codificação	Nível de concordância
1	Discordo fortemente
2	Discordo
3	Discordo parcialmente
4	Concordo parcialmente
5	Concordo
6	Concordo fortemente

Fonte: elaborado pelos autores

As afirmações procuram ser claras, simples, sem ambiguidades, evitando conter mais de uma informação dentro da mesma afirmação (Carifio & Perla, 2007; Jamieson, 2004; Matell & Jacoby, 1971). Para cada conjunto de afirmações foram listados um objetivo e hipótese de investigação.

Neste trabalho apresentaremos os resultados de dois conjuntos de itens (Tabela 2). O primeiro pretendia identificar a percepção dos utilizadores sobre a aceitação de identidades não-padrão (9, 10, 11, 12 e 13), o segundo identificar o quanto a imagem do chamado Urso "padrão" está cristalizada dentro da comunidade (14, 15 e 16).

Tabela 2
Afirmações analisadas

Codificação	Afirmação
9	A comunidade ursina é receptiva à diversidade
10	Homens transgêneros são parte da comunidade ursina
11	Preocupo-me mais com a conversa do que com a aparência de possíveis parceiros
12	Evito relações amorosas com homens afeminados
13	Evito relações sexuais com homens afeminados
14	Apenas homens peludos e barbudos podem ser considerados Ursos
15	Homens gordos são Ursos
16	Ursos são homens com atitude masculina

Fonte: elaborado pelos autores

O inquérito foi então cadastrado na plataforma *Google Forms* e enviado a 5 sujeitos autoidentificados como membros da comunidade ursina para realização de testes prévios. Os testes apontaram melhorias a ser feitas em alguns itens das variáveis independentes que não dispunham de opções amplas o suficiente. Também refizemos afirmações que pareceram ambíguas durante os testes.

O *Google Forms* foi configurado para apenas a pergunta filtro ser obrigatória, os participantes eram informados ainda no TCLE que podiam ignorar qualquer uma das questões.

Dividimos as perguntas em dois blocos, de variáveis independentes e de variáveis dependentes. Dentro de cada um desses grupos a plataforma sorteava, a cada carregamento da página, uma ordenação diferente para os itens. Pretendíamos, assim, minimizar o condicionamento das respostas em comparação com outras do mesmo conjunto.

Com o inquérito pronto divulgamos a ligação por meio da ferramenta *Shout* (gritar ou berrar em inglês), do *Growlr*, usada principalmente para publicidade. O sistema permite definir um raio de uma região onde todos os usuários da aplicação receberão a mensagem programada. Escolhemos um ponto central de São Paulo e definimos um raio de 16 km a partir dele. A aplicação calculou que 3.151 indivíduos estavam naquela região selecionada. Assim, consideramos esse o número total da população para efeitos do cálculo da amostra.

Foram recebidas 171 respostas entre os dias 03 e 10 de dezembro de 2019. Considerando uma população de 3.151 pessoas, este inquérito tem uma margem de erro de 7% e uma margem de confiança de 95%. Os dados foram posteriormente exportados para o software de análises estatísticas SPSS. Neste trabalho apresentaremos os dados arredondos até ao número inteiro.

Caracterização dos Indivíduos

Nossa amostra é formada por um total de 171 sujeitos. A maioria é de indivíduos autodeclarados homens cisgênero (96%). Outras identidades de género também aparecem, mas são residuais. Não há mulheres, nem pessoas transexuais. Em relação à orientação sexual, a maioria é homossexual (92%), alguns bissexuais (6%) e pansexuais (1%) também estão presentes. Um sujeito (<1%) se declarou heterossexual. Para a idade, distribuímos os sujeitos em 5 faixas: 18-24 anos (18%); 25-34 anos (44%); 35-44 anos (21%); 45-54 anos (12%); 55 anos ou mais (5%). A maioria indica São Paulo (51%) como a cidade onde viveram a maior parte do tempo; a segunda cidade é o Rio de Janeiro (8%). A maioria vivia na capital paulista (64%) no momento do inquérito.

Quanto à autoidentificação ursina "Bear / Urso" é a mais prevalecente (46%), seguida de "Chubby / Urso gordo" (34%). As aplicações mais usadas para encontros afetivos e/ou sexuais são o *Growlr* (86%), seguido pelo *Scruff* (65%). Cabe registar que em ambas as questões era possível escolher mais de uma opção.

Com o intuito de ajudar a investigação, alguns participantes compartilharam a ligação para o inquérito por meio de outras redes sociais e aplicações de mensagens. Isso explica o motivo pelo qual 86% das pessoas indicam o *Growlr* como aplicação de eleição, sendo que o inquérito foi divulgado justamente por meio dele.

O inquérito pediu também aos sujeitos a indicação de altura e peso. A informação foi usada para chegarmos ao Índice de Massa Corporal (IMC) dos respondentes (apenas dois participantes não responderam à questão). O IMC é calculado com a divisão do peso em quilos pela altura ao quadrado (kg/m^2). O resultado é então distribuído por uma tabela dividida em seis faixas: abaixo do peso (<18,5); IMC indicado (18,5 – 24,9); sobrepeso (25 – 29,9); obesidade grau 1 (30 – 34,9); obesidade grau 2 (35 – 39,9); e obesidade grau 3 (≥40).

Diversos estudos já apontaram que o IMC não tem relação direta com o risco relativo à saúde nem deve ser usado para medir o grau de obesidade. O índice ignora características como o género, idade e etnia o que contribui para um enviesamento na interpretação dos

resultados (Carroll et al., 2008). Optámos por calcular o IMC dos participantes, e usá-los como variável independente, para que fosse possível a construção de grupos de análise. Assim, o índice não será usado para classificar os sujeitos entre mais ou menos saudáveis.

Apresentação de resultados

O nosso primeiro conjunto de perguntas tinha como objetivo identificar a percepção dos utilizadores sobre a aceitação de identidades não-padrão. Nossa hipótese de trabalho era de que sujeitos Ursos não são receptivos a identidades não-padrão, principalmente aquelas associadas ao comumente compreendido como feminino. Os sujeitos de nossa amostra parecem concordar com essa hipótese, ao serem interrogados sobre o seu grau de concordância com a afirmação "a comunidade ursina é receptiva à diversidade" (9) a mediana das respostas ficou em 3 (discordo parcialmente), distribuindo-se 71% das respostas por opções que discordam em algum nível da afirmação que apresentámos.

Mas é importante notar que nas perguntas seguintes (10, 11, 12 e 13), as quais buscam identificar o quanto os indivíduos que respondem são eles próprios receptivos à diversidade, as respostas apontam um maior grau de aceitação. Destacamos entre essas a mediana para a pergunta "homens transgênero são parte da comunidade ursina" (10) que foi de 5 (concordo) registando-se 46% dos indivíduos na opção que apresenta uma forte concordância.

Para a pergunta "preocupo-me mais com a conversa do que com a aparência de possíveis parceiros" (11) a mediana registada foi de 4 (concordo parcialmente); na pergunta "evito relações amorosos com homens afeminados" (12) a mediana registada foi de 3 (discordo parcialmente), estando 62% do lado que discorda em algum nível da afirmação; e em "evito relações sexuais com homens afeminados" (13) a mediana também foi de 3 (discordo parcialmente), com a percentagem de 58% que discorda da afirmação.

Um outro bloco de questões (14, 15 e 16) tinha por objetivo identificar o quanto a imagem do Urso "padrão" está cristalizada dentro da comunidade: a nossa hipótese era de que há uma cristalização da imagem ideal do que seria o Urso, em geral associada a uma atitude masculina e a pelos corporais. Os dados encontrados apontam no sentido contrário ao da hipótese, mesmo não sendo possível chegar a conclusões fortes. Por exemplo, frente à afirmação "apenas homens peludos e barbudos podem ser considerados Ursos" (14) a mediana ficou em 3 (discordo parcialmente) e os itens que indicam algum grau de discordância atingem 53% das respostas. Ao considerarmos a margem de erro, não é possível indicar uma tendência forte em nenhum dos dois sentidos.

O item "ursos são homens com atitude masculina" (16) registou uma mediana de 3 (discordo parcialmente), com 61% das pessoas escolhendo opções que registam discordância em algum nível. Entre esse grupo, a resposta com maior grau de certeza foi para a afirmação "homens gordos são Ursos" (15), que apresentou uma mediana de 5 (concordo), estando 72% no campo dos que concordam com a afirmação, 35% concordando fortemente.

Tentando compreender essa aparente discordância entre as informações trazidas pela literatura e os resultados do campo, realizámos o teste não-paramétrico de Kruskal-Wallis (George & Mallery, 2020). Este teste é utilizado para verificar se a distribuição entre três ou mais populações é igual ou diferente.

Ao compararmos as faixas etárias, o teste mostrou que há diferença estatisticamente significativa nas distribuições de respostas entre as faixas de idade e os itens 10, 12, 13, 14 e 16. Nos restantes itens não há diferença nas distribuições. Para entender em que pontos estavam as diferenças, realizamos um teste post-hoc do tipo Pairwise, que compara as faixas duas a duas. Os valores de significância foram ajustados pela correção Bonferroni para vários testes (MacDonald & Gardner, 2000).

Ao analisarmos a afirmação 10, o teste de Kruskal-Wallis mostrou que há efeito da faixa etária sobre o nível de concordância com o item [$X^2(4) = 22,445$; $p = 0,000$]. No panorama geral, quanto mais velha é a pessoa, menos ela concorda com a afirmaão que coloca pessoas transgênero como membros da comunidade ursina. As maiores diferenças estatisticamente significativas estão entre as faixas etárias 35-44 e 45-54 anos ($p = 0,048$); 25-34 e 45-54 anos ($p = 0,010$) e; 18-24 e 45-54 ($p = 0,000$).

A afirmação 12 também sofre o efeito da faixa etária [$X^2(4) = 15,036$; $p = 0,005$]. Quanto maior a idade do indivíduo, mais ele afirma evitar relações amorosas com homens afeminados. A única diferente estatisticamente significativa, após o teste de Pairwise, aparece entre as faixas etárias dos 18-24 e 45-54 anos ($p = 0,038$).

A tendência se repete na afirmativa 13 [$X^2(4) = 24,517$; $p = 0,000$]. Nos sujeitos desta investigação, quanto maior a idade, mais ele evita relações sexuais com homens percebidos como afeminados. O teste Pairwise mostrou que as maiores diferenças estatisticamente significativas estão entre as faixas 18-24 e 45-54 anos ($p = 0,001$) e; 25-34 e 45-54 ($p = 0,001$).

Analisando especificamente a imagem do que seria o Urso, o teste de Kruskal-Wallis mostra que a idade tem influência na forma como os indivíduos respondem à pergunta 14 [$X2(4) = 10,335$; $p = 0,035$]. Neste caso específico, a diferença está entre as faixas 18-24 e 45-54 ($p = 0,031$). Enquanto os primeiros pensam que pelos corporais não são obrigatoriedade para ser-se considerado Urso, o segundo grupo pensa serem elementos obrigatórios.

A tendência se repete no item 16 [$X^2(4) = 16,108$; $p = 0,003$]. Novamente a maior diferença estatisticamente significativa ($p = 0,009$) ficou entre os mais jovens, 18-24 anos, que consideram que uma atitude “masculina” não é pré-requisito para uma pessoa ser identificada como Urso, enquanto os indivíduos entre 45-54 anos acreditam que a masculinidade é característica indispensável para alguém ser reconhecido como Urso.

Considerações Finais

O que parecia constituir, num primeiro momento uma contradição entre os dados encontrados e a literatura da área, revelou a necessidade de se olhar para esses dados separados por idade. O teste de Kruskal-Wallis mostrou que a idade tem papel relevante no nível de rejeição a identidades não-padrão. As faixas mais jovens respondem sempre de maneira menos vincada às cisheteronormatividades. Indivíduos com idades em os 45 e 54 anos parecem ser os mais normativos.

O teste mostrou ainda que a idade tem um papel relevante na imagem do chamado Urso padrão cristalizada nesta comunidade, estando os mais jovens menos condicionados a uma construção hegemónica sobre como um indivíduo Urso deve ser e agir. É importante registrar, entretanto, que a faixa dos indivíduos com 55 ou mais anos são, em geral, menos normativos que aqueles da faixa anterior.

Este trabalho não pretende ser uma fotografia de toda a comunidade ursina de São Paulo. A imagem aqui capturada limita-se aos utilizadores da aplicação *Growlr*, que estavam em determina região da cidade de São Paulo, Brasil, no dia em que a divulgação do inquérito foi feita. A distribuição de idades não é normal e concentra-se na faixa dos 25-34 anos.

Para investigações quantitativas futuras seria importante atingir utilizadores de outras plataformas congéneres. Esta investigação apontou, por exemplo, que a aplicação *Scruff* tem grande aderência deste público. Redes não direcionadas a encontros, como Instagram, Twitter e Facebook, também merecem atenção. Como as LBSN são associados à busca por sexo rápido, elas acabam afastando outros indivíduos, que também fazem parte do grupo de Ursos, e que não foram atingidos neste estudo.

Os dados aqui apresentados constituem ainda a fase exploratória de nossa investigação de doutoramento. O próximo passo é concluir a análise dos restantes itens e partir para a investigação qualitativa. A nossa proposta é realizar entrevistas em profundidade com sujeitos diversos, que fazem parte da comunidade ursina. O que descobrimos nesta primeira fase subsidiará a escolha dos indivíduos e a redação do guião das entrevistas.

Referências Bibliográficas

Blackwell, C., Birnholtz, J., & Abbott, C. (2014). Seeing and being seen: Co-situation and impression formation using Grindr, a location-aware gay dating app. *New Media & Society*. https://doi.org/10.1177/1461444814521595

Boone, H. N., & Boone, D. A. (2012). Analyzing Likert Data. *Journal of Extension*, *50*(2), #v50-2tt2. Obtido de https://joe.org/joe/2012april/tt2.php

Brown, L. (2014). Fat Is a Bearish Issue. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book II: Further Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 39–54). New York & London: Routledge.

Cardoso, C. de M. C., & Costa, A. L. R. C. da. (2013). O peso de viver em um corpo obeso. *Reme: Revista Mineira de Enfermagem*, *17*(4). https://doi.org/10.5935/1415-2762.20130059

Carifio, J., & Perla, R. J. (2007). Ten Common Misunderstandings, Misconceptions, Persistent Myths and Urban Legends about Likert Scales and Likert Response Formats and their Antidotes. *Journal of Social Sciences*, *3*(3), 106–116. https://doi.org/10.3844/jssp.2007.106.116

Carroll, J. F., Chiapa, A. L., Rodriquez, M., Phelps, D. R., Cardarelli, K. M., Vishwanatha, J. K., … Cardarelli, R. (2008). Visceral Fat, Waist Circumference, and BMI: Impact of Race/ethnicity. *Obesity*, *16*(3), 600–607. https://doi.org/10.1038/oby.2007.92

Douven, I. (2018). A Bayesian perspective on Likert scales and central tendency. *Psychonomic Bulletin & Review*, *25*(3), 1203–1211. https://doi.org/10.3758/s13423-017-1344-2

Farman, J. (2012). *Mobile Interface Theory: Embodied Space and Locative Media*. New York: Routledge.

George, D., & Mallery, P. (2020). *IBM SPSS Statistics 26 Step by Step: A Simple Guide and Reference* (16.ª ed.). New York & London: Routledge.

Gibbs, J. J., & Rice, E. (2016). The Social Context of Depression Symptomology in Sexual Minority Male Youth: Determinants of Depression in a Sample of Grindr Users. *J Homosex*, *63*(2), 278–299. https://doi.org/10.1080/00918369.2015.1083773

Hennen, P. (2005). Bear Bodies, Bear Masculinity: Recuperation, Resistance, or Retreat? *Gender & Society*, *19*(1), 25–43. https://doi.org/10.1177/0891243204269408

Hennen, P. (2008). *Faeries, Bears, and Leathermen: men in community queering the masculine*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

Huerta, A. Á. (2019). El Performance De La Masculinidad: ¿Acción O Actuación? *Xihmai*, *XIV*(28), 97–

120. Obtido de http://www.lasallep.edu.mx/revistas/index.php/xihmai/article/view/475

Jamieson, S. (2004). Likert scales: how to (ab)use them. *Medical Education*, *38*(12), 1217–1218. https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2004.02012.x

Likert, R. (1932). *A technique for the measurement of attitudes* (R. S. Woodworth, ed.). New York: The Science Press.

Lima, P. A. M. de. (2004). Entre homens, entre ursos: devires animais na floresta gay. Em D. Lopes, B. Bento, S. Aboud, & W. Garcia (Eds.), *Imagem & Diversidade Sexual: Estudos da Homocultura* (pp. 332–336). São Paulo: Nojosa Edições.

MacDonald, P. L., & Gardner, R. C. (2000). Type I Error Rate Comparisons of Post Hoc Procedures for I j Chi-Square Tables. *Educational and Psychological Measurement*, *60*(5), 735–754. https://doi.org/10.1177/00131640021970871

Matell, M. S., & Jacoby, J. (1971). Is There an Optimal Number of Alternatives for Likert Scale Items? Study I: Reliability and Validity. *Educational and Psychological Measurement*, *31*(3), 657–674. https://doi.org/10.1177/001316447103100307

Puhl, R. M., & Heuer, C. A. (2009). The Stigma of Obesity: A Review and Update. *Obesity*, *17*(5), 941–964. https://doi.org/10.1038/oby.2008.636

Rezende, R., & Cotta, D. (2015). «Não Curto Afeminado»: Homofobia e Misoginia em Redes Geossociais Homoafetivas e os Novos Usos da Cidade. *Contemporanea - Comunicação e Cultura*, *13*(2), 348–365. https://doi.org/10.9771/1809-9386contemporanea.v13i2.13860

Ridinger, R. B. M. (2013). Bearaphernalia: An Exercise in Social Definition. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 83–88). New York & London: Routledge.

Sarson, C. (2020). 'Hey man, how's u?': masculine speech and straight-acting gay men online. *Journal of Gender Studies*, *00*(00), 1–14. https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1794802

Suresha, R. (2013). Bear Roots. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 41–49). New York & London: Routledge.

Whitesel, J. (2014). Fat Gay Men: Girth, Mirth, and the Politics of Stigma. Em M. Kimmel & S. Walters (Eds.), *Transdisciplinary Perspectives on Genders and Sexualities*. New York: New York University Press.

Wright, L. (2013). Introduction: Theoretical Bears. Em L. Wright (Ed.), *The Bear Book: Readings in the History and Evolution of a Gay Male Subculture* (pp. 1–39). New York & London: Routledge.